

JAZZ  
9 OUTUBRO 2015  
CICLO "JAZZ +351"  
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Nuno Costa Detox

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Trompete João Moreira Guitarra Nuno Costa Voz Rita Maria  
Piano Óscar Graça Contrabaixo Bernardo Moreira Bateria Bruno Pedroso

Sex 9 de outubro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## Música para desintoxicar

Nas artes, nem sempre o que parece, é – aliás, muito do que nelas encontramos joga precisamente com o que julgamos ser óbvio, mas não é. Tal como o rock, antes mesmo de o rock existir, o jazz tem vivido uma difícil relação com os psicotrópicos – hoje menos, aparentemente, mas casos como os de Charlie Parker, John Coltrane ou Miles Davis são bem conhecidos. Quando surge neste circuito um projeto com o nome “Detox”, a primeira reação que temos é a de que a música apresentada pretende distanciar-se desse historial e desse “caldo de cultura”, aquilo a que os norte-americanos chamam *drug culture*. No caso de Nuno Costa, guitarrista e compositor com atividade centrada em Lisboa, essa é uma referência, mas não com a literalidade que se possa imaginar. O título do seu mais recente disco, agora apresentado em concerto, refere-se, sim, à vida pessoal do músico e a um processo de desintoxicação, mas não necessariamente de quaisquer substâncias aditivas.

É antes a uma desintoxicação do meio urbano que alude, aquele que contextualiza a tal cultura da droga: «Refiro-me às minhas idas a casa. Cresci e vivi grande parte da minha vida em Sintra e é aí que me sinto verdadeiramente em casa. É em casa que recuperamos e alcançamos sempre a perspetiva mais favorável. A família e ter sido pai recentemente foram as grandes influências deste trabalho e, em conjunto com os amigos, os meus albergues de desintoxicação.»

Este é o primeiro dado a referir no que respeita ao jazz de Nuno Costa: a música que compõe e improvisa é autobiográfica, refletindo as suas próprias experiências de vida. Ou seja, assume-se a noção de que a arte é um reflexo da realidade, com o implícito intuito de a transformar. «Não escrevo ou toco apenas quando me sinto inspirado ou com disposição, nem se trata de soar melhor ou pior. Difere muito em termos de como nos corre o dia ou determinado período. Será, muito provavelmente, por ter horários para praticar o instrumento e compor que o que me rodeia no dia-a-dia atinge a preponderância de influenciar o que crio. Há que saber conjugar fatores e utilizá-los em prol da música. É inconsciente e será, porventura, uma vantagem conseguir exteriorizar esses reflexos», comenta.

Logo a seguir, vem o pendor cinematográfico desta visão do jazz. Uma visão construída desde o início do percurso de Costa, que decidiu prosseguir os seus estudos não especificamente com uma graduação em jazz, mas na música para a sétima arte. Quando partiu para Boston, a fim de frequentar o Berklee College of Music, foi para tirar o curso de Film Scoring. Um interesse, de resto, que se confirma com o doutoramento que está a fazer em Artes Performativas e da Imagem em Movimento: «O jazz e a música para cinema estão muito ligados. Foram os dois alicerces da minha carreira académica e é natural que pesem muito na minha abordagem. Também não será menos verdade que tanto um como o outro contém inúmeros subgéneros, estilos e formas de interpretação,

o que imediatamente lhes atribui uma vastidão na qual é difícil destacar algo em concreto. A associação mais comum passa por referir que a minha música tem um cunho cinematográfico, o que até me agrada. Para mim, a música sempre teve obrigação de possuir um carácter visual.»

Tal significa que, na cabeça de Nuno Costa, jazz e cinema não são necessariamente dois domínios em conflito. A conceção que tem da música é que os abarca a ambos, embora na prática tenha de seguir dois caminhos diferentes. Não estranha, pois, que para si a situação ideal seja uma que una os dois mundos, como a série “Filme/Concerto”, partilhada com o pianista Óscar Graça e dedicada à musicção de películas do tempo do mudo. «O nosso processo passa essencialmente por criar uma banda sonora e interpretá-la ao vivo, utilizando também a espaços a improvisação para ligar os temas e evitar quebras na narrativa musical. Já trabalhámos com o *Aurora* e o *Nosferatu* de Murnau, com o *Nanook o Esquimó* de Robert J. Flaherty, *Metropolis* de Fritz Lang, *O Garoto de Charlot* de Charles Chaplin e *No Paiz das Amazonas* do realizador português Silvino Santos...», conta.

Seja como for, há um aliciante muito especial em criar cinema para os ouvidos e é isso que singulariza o jazz “desintoxicado” de Nuno Costa. Um jazz que vem na sequência do pós-*-bop*, nele se detetando a influência do Ornette Coleman da década de 1950, quando este estava em transição para o *free jazz*, designação de resto retirada

de um disco da altura do saxofonista. Se bem que com alguma coisa da sonoridade do jazz de fusão e do rock, o tipo de música que este sintense ouvia antes de se virar para o jazz e que, para todos os efeitos, continua a apreciar...

«Confesso que não penso muito em coordenadas. Enquanto estudante, tive e tenho de analisar muita música, mas sempre me esforcei para que os temas que fazem parte dos meus discos não sejam identificados com este ou aquele músico em particular. Ao interpretar tenho sempre uma abordagem muito mais teórica, ao passo que a compor opto por não pensar muito e perseguir apenas sons que façam sentido. A única exceção chama-se *BL* e está no meu primeiro CD. Foi escrito como um exercício de progressão harmónica para a escola e acabou por sobreviver e ficar naquela repertório. No entanto, as referências estão sempre presentes em todos os aspetos da nossa vida e, como tal, terei com certeza as minhas. Algumas das minhas supostas influências só as descobri depois de ler algumas críticas aos meus trabalhos. Não era música que ouvisse, mas muitas delas até faziam sentido», argumenta.

Acontece, porém, que Costa não aprecia a ideia que está por detrás do rótulo “fusão”, preferindo não ser confundido com o que o mesmo representa: «Se considerarmos o Pat Metheny Group como jazz de fusão, assumo que terá tido algum contributo, porque foi uma das minhas entradas para o jazz. No entanto, o termo fusão transporta-me para grupos elétricos e virtuosos que a mim sempre me soaram pouco musi-

cais. Muitos ambicionam ser ecléticos e dominar um sem-número de estilos e técnicas, mas acabam eventualmente por ter uma assinatura, o que, quanto a mim, é preferível.»

Ora, no que a assinaturas respeita, a de Nuno Costa é indubitavelmente portuguesa. As suas composições têm aquele pendor lírico e contemplativo que define a nossa portugalidade. «Quando nos juntamos para falar uma língua em comum que não é a nossa, fazemo-lo com sotaque. O meu talvez tenha esse cunho lírico e melódico. Se tivesse nascido em qualquer outra parte do planeta talvez pensasse, sentisse e agisse de forma diferente. As influências surgem de diversas origens e vão, julgo eu, indicando o caminho. O certo é que sempre procurei que a minha música possua melodias que se destaquem e movimentos harmónicos que as sustentem», explica.

Neste ponto da história, convirá referir que quando Costa diz «minha» está também a dizer «nossa», porque a sua música é criada com a participação dos músicos com quem toca. Poucas vezes, aliás, um líder é tão democrático quanto este. Todos os álbuns lançados por ele, *Reticências Entre Parêntesis*, *All Must Go* e o novo *Detox*, têm essa particularidade: a guitarra não está em primeiro plano e sim ao serviço do todo. «Tento obter a textura mais rica possível em cada tema e isso passa naturalmente por explorar todos os instrumentos ao máximo. A guitarra ou qualquer outro instrumento apenas merecerão um lugar de destaque se tal se justificar musicalmente. Isso deve ou pode acon-

tecer num ou noutro tema ou excerto, mas seria quanto a mim bastante entediante ter o mesmo instrumento a ocupar todos os espaços do início ao fim de um disco», argumenta.

Talvez por consequência disso mesmo, ou porque Nuno Costa valoriza especialmente o fator improvisação, todos os seus acompanhantes têm bastas oportunidades de sobresair, solando. Os improvisos surgem, inclusive, fora dos padrões normais do jazz matizado no *bop*. Por exemplo, em texto assinado por Mário Laginha utilizado na promoção de *Detox*, o celebrado pianista enaltece o modo como no álbum se relaciona a música escrita com a improvisada, com os solos a acontecerem em estruturas e partes distintas, assim fazendo com que haja uma componente de imprevisibilidade. «O meu ponto de partida até é o tradicional tema-solo-tema. As progressões harmónicas é que diferem, evoluindo durante a composição. Muitas vezes, os solos não correspondem ao tema inicial e até são diferentes no caso de haver mais do que um solista. As melodias também são pensadas dessa forma. Às vezes, faz sentido repetir a mesma melodia a meio ou no final, ao passo que, em outras situações, sinto a necessidade de a desenvolver, apresentando secções novas durante cada tema», ficamos a saber.

Os solos têm até um papel preponderante na ligação de todos estes aspetos: «São os solos que unem essas secções ou que ajudam a relevar a preponderância da repetição exaustiva de um movimento harmónico ou melódico.

Não apenas os solos, mas também o solista e o seu instrumento. É também por este prisma que tenho vários instrumentos em destaque e não apenas o meu. Distribuo os solos por aqueles que melhor enfatizam as passagens musicais.»

Por conseguinte, e adotando boas práticas como a, lendária, de Duke Ellington, Nuno Costa compõe para músicos específicos, e estes são chamados habitualmente para os seus projetos. «Na vida rodeamo-nos, sempre que podemos, daqueles com quem nos damos melhor ou que mostram uma forma de estar semelhante ou no mínimo compatível com a nossa. Quando quis formar um grupo parti desse princípio. Procurei músicos que se pudessem rever no que eu escrevia e tocava. Fiz várias experiências até chegar ao elenco do primeiro disco. Exploro o que de melhor cada instrumentista tem, sem descaracterizar aquilo que quero conceber musicalmente. Deu-se o período de consenso e estamos cada vez mais em sintonia. Há sempre algo de imprevisível nas abordagens, construídas a partir de bases que me são cada vez mais familiares. Escrevo a pensar neles e acho que eles interpretam com base no que entendem ser a minha música.»

Nada do que lhes entrega é, no entanto, fixo e definitivo. Se para o CD foram convocados o trompetista João Moreira e o saxofonista João Guimarães, para o concerto Costa convidou outra sua colaboradora, a cantora Rita Maria, para desempenhar as mesmas funções. «A Rita faz parte dos

três solistas com quem costumo contar. Soará, sem sombra de dúvida, diferente, mas nunca incorrendo numa descaracterização. São os três muito diferentes a vários níveis, mas possuem simultaneamente a compatibilidade musical que procuro. A voz será utilizada sem palavras no papel destinado ao trompete. Por ter um lado mais imponente e outro foco de atenção, a adaptação terá de partir das restantes interpretações», esclarece. Será como que um outro *Detox*, feito a partir das mesmas partituras e, como sempre, recusando repetições que criem vícios. Ainda que no coração de Lisboa, a atuação na Culturgest representará uma escapadela até Sintra.

Neste enquadramento, mesmo as influências de Bill Frisell e John Abercrombie no estilo guitarrístico de Nuno Costa não serão determinantes. Quanto a isso o seu posicionamento é muito claro: «As influências são normais em qualquer um de nós e somos muitas vezes comparados a um ou a outro, o que às vezes se revela infundado ou até injusto. Houve músicos a quem fui e sou associado que mal conhecia quando surgiram as primeiras comparações no meu tempo de estudante no Hot Clube. Dois desses casos são o Frisell e o Abercrombie. Fui investigar e confesso que até reconheci o porquê da comparação, mas também optei por não aprofundar muito mais. Sempre tentei ter uma relação saudável com os guitarristas que ouvia, sem explorar em demasia a maneira como tocam ou pensam. A sentença seria tornar-me uma simples cópia de alguém inevitavel-

mente superior. Se o consegui ou não, já não sei, mas gosto de acreditar que sim. Esses e outros são guitarristas que muito admiro por todo o seu percurso, que sigo de tempo em tempo, mas que não ouço na tentativa de retirar ideias para um tema ou para um solo. Sempre quis demarcar uma posição enquanto intérprete e compositor.»

Daí, que não apenas do visualismo cinematográfico de que acima se deu conta, virá a aura de mistério da música de Nuno Costa. «Fico feliz se conseguir passar algum elemento, mesmo que difira de ouvinte para ouvinte. A única marca de estilo que reconheço conscientemente é a de que esta música poderá suscitar uma impressão de mistério a uns ou satisfazer outros pelo que transmite diretamente. Pois que passe uma imagem, que transporte as pessoas no espaço ou no tempo e, acima de tudo, que interfira com o ouvinte», são as suas palavras de esperança. Agora, depende de nós desintoxicarmo-nos também...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,  
editor da revista *online jazz.pt*

## João Moreira

trompete

---

Um dos mais importantes trompetistas da cena jazz nacional, João Moreira completou os seus estudos académicos na New School for Social Research, em Nova Iorque. Começou a apresentar-se em concerto quando ainda era adolescente, pelo que é um dos músicos de jazz do país com maior longevidade. Tocou com a nata das figuras do género, de Carlos Barretto, Carlos Bica e João Paulo Esteves da Silva a figuras internacionais como Ben Monder, Chris Cheek e Mark Turner, entre muitos outros.

## Nuno Costa

guitarra

---

Com formação feita na Academia de Amadores de Música, na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e no Berklee College of Music, em Boston, EUA, Nuno Costa tem a sua atenção dividida entre a guitarra e a composição. Nesta, a sua especial dedicação ao *film scoring* foi determinante para a caracterização de um estilo próprio. O que acabou também por se refletir na forma como utiliza as seis cordas. A haver um jazz cinematográfico em Portugal, passa por ele, como se verifica, aliás, com os seus “filmes/concertos”.

## Rita Maria

voz

---

O percurso da cantora Rita Maria tem-se caracterizado por uma permanente inquietude. Assim como os seus

estudos foram realizados em diversos estabelecimentos de ensino musical (Conservatório Nacional de Lisboa, Escola de Jazz do Barreiro, ESMAE, Berklee College of Music), são também diversas as suas orientações, partilhando o jazz com o fado, a *world music* e o rock. Vem desenvolvendo uma profícua colaboração com o guitarrista Afonso Pais e no seu currículo estão parcerias com a Orquestra Jazz de Matosinhos e o grupo equatoriano Sal y Mileto.

## Óscar Graça

piano

---

Óscar Graça é licenciado em composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em piano pelo Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro. Está presentemente a concluir um doutoramento. Foi aluno de António Pinho Vargas, Luís Tinoco, JoAnne Brackeen, Dave Samuels e Ed Tomassi. Tem estado envolvido com a miríade de projetos das novas gerações do jazz português, dirige os seus próprios grupos, como Liftoff e Erro de Sintaxe, e ainda teve a oportunidade de colaborar com luminárias como David Binney e Dan Weiss.

## Bernardo Moreira

contrabaixo

---

Com mestres como Niels-Henning Orsted Pedersen, Rufus Reid e Reggie Workman, a educação musical de Bernardo Moreira passou pela Academia de Amadores de Música de

Lisboa e pela Escola do Hot Clube. Além do jazz, participou em concertos de música erudita como solista convidado, designadamente com a Orquestra Sinfónica da Fundação Calouste Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Nacional do Porto e a Nacional do Teatro de São Carlos. Teve a preciosa oportunidade de tocar com nomes históricos do jazz como Benny Golson, Freddie Hubbard, Wayne Shorter, Art Farmer e Kenny Wheeler.

## Bruno Pedroso

bateria

---

Bruno Pedroso inicia o estudo de música com José Salgueiro, Henry de Sousa e Manuel Costa Reis, frequentando depois a Academia dos Amadores de Música e a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Inicia-se como *freelancer*, primeiro com a banda pop Heróis do Mar, e posteriormente com o Mler If Dada. 1989 marca o começo do seu envolvimento com o jazz: na banda de Pedro Mestre acompanha Maria Viana e integra o grupo de Nanã Sousa Dias e o sexteto de Tomás Pimentel. Estuda com o baterista de jazz Allan Dawson e com Clark Terry, Sir Roland Hanna, Rufus Reid e Bill Pierce. Toca e grava com Dulce Pontes, Mário Pacheco, Plopoplot Pot, Idéfix, Jorge Fernando, Resistência, Jorge Palma, Paulo Gonzo, Paulo Curado, Pedro Madaleno e Lena D'Água. Integra o coletivo de percussão liderado pelo baterista Max Roach que toca no festival Jazz em Agosto, e estuda com António Sanchez e Billy Hart. Em Nova Iorque frequenta o Drummers

Collective e recebe aulas de Jordi Rossi, Carl Allen, Leon Parker, Ralph Peterson Jr., Adam Nussbaum, Steve Berrios e Bobby Sanabria.

Nos últimos dez anos, para além de continuar a carreira docente na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e na escola J.B. Jazz, continua a tocar com os mais variados nomes do jazz português como André Fernandes, Nelson Cascais, Bernardo Moreira, Afonso Pais, Bernardo Sassetti, João Paulo Esteves da Silva, Jorge Reis, João Moreira, Filipe Melo, Zé Eduardo, Bruno Santos.

É também convidado a integrar grupos internacionais ao lado de Julian Argüelles, Chris Cheek, Peter Bernstein, Rich Perry, Miguel Zenon, Abe Rabade, Nicholas Payton, Reginald Veal, Aaron Goldberg, Avishai Cohen, Antonio Faraó, Peter Epstein, Rick Margitza, John Ellis, Dave O'Higgins, Richard Galliano, Gregory Tardy, Perico Sambeat, Jesus Santandreu, Herb Geller, Sheila Jordan, Donald Harrison, Ben Monder, entre muitos outros.

## Próximo espetáculo

# House of Dance

de Tina Satter

**Teatro** Sex 9, sáb 10, dom 11 de outubro

Ginásio CGD · 21h30 (dom 17h)

Duração: 1h10 · M12



© They Brooklyn

Sapateado, tensões que brotam e sonhos que regressam à vida num espetáculo a que o *New York Times* chamou “encantadoramente excêntrico”, servido pela escrita irónica e generosa de uma das mais entusiasmantes criadoras nova-iorquinas.

## Próximo espetáculo de música

# Oy Division

**Jazz** Qui 15 de outubro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6



© Oy Division

Os Oy Division são a melhor banda de música *klezmer* que conhecemos. Ao vivo, as suas interpretações são arrebatadoras, de uma inesgotável energia.

**Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)**

#### Conselho de Administração

##### Presidente

Álvaro do Nascimento

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

#### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt